

Elementos Constitutivos da Filosofia Pragmática da Linguagem de Ludwig Wittgenstein

Cleber Fábio Oliveira Teodósio *

Resumo

No presente artigo analisamos a filosofia wittgensteiniana a partir de uma explanação em torno dos principais conceitos de sua filosofia pragmática da linguagem, filosofia esta que termina evidenciando uma crítica à filosofia moderna, fortemente influenciada por Descartes, assim como, numa rejeição à visão escolástica da filosofia, já que em sua nova forma de pensar a linguagem, Wittgenstein não a identifica com o caráter apriorístico, mas a uma ordem que surge da práxis; superando, assim, o modo de ver acadêmico pela capacidade de conhecer o maravilhoso das práticas cotidianas, e o faz por meio de conceitos não fechados, quais sejam: jogos de linguagem, semelhança de família, forma de vida, uso e significado das palavras, linguagem privada e seguimento de regras.

Palavras-chave: Linguagem. Pragmática. Investigações. Antropológico. Wittgenstein.

* Pós-graduado em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade da Aldeia de Carapicuíba, licenciado em Português e Inglês pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, bacharel em Filosofia pela Faculdade Vicentina e cursando Teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. clefabio@gmail.com.

Abstract

In the present article we analyze the Wittgensteinian philosophy from an explanation surrounding the main concepts of Wittgenstein's pragmatic philosophy of language, a philosophy that ends up evidencing a critique of modern philosophy, strongly influenced by Descartes, as well as a rejection of the scholastic view of philosophy, since in his new way of thinking the language, Wittgenstein does not identify it with the aprioristic character, but to an order that arises from the praxis; thus overcoming the academic way of looking at the ability to know the marvel of everyday practices, and does so through unclosed concepts such as language games, family resemblance, way of life, use and meaning of words, private language and rule-following.

Keywords: Language. Pragmatic. Investigations. Anthropological. Wittgenstein.

Introdução

A filosofia pragmática da linguagem aparece com propriedade na obra tardia de Wittgenstein, período que se inicia com o lançamento do *Tractatus Logico-Philosophicus* Gebauer, (2013, p. 9), organiza essa fase da vida de Wittgenstein em duas partes: 1929 a 1932, quando o filósofo desenvolveu uma temática e um método filosófico radicalmente novo, e outra de 1947 a 1951, tempo em que Wittgenstein investiu em interesses internos, sensações e emoções, ainda que refreado por uma autocrítica.

A ênfase da linguagem do pensamento tardio de Wittgenstein já não é a figuração apresentada no *Tractatus*, mas uma linguagem que sofre uma 'virada antropológica'¹, uma vez que, para ele, segundo Gebauer, (2013, p.

¹ Os anos 70 foram marcados, então, pelo interesse em uma filosofia da linguagem, analítica ou hermenêutica, em que o foco era a relação entre interlocutores como fonte do sentido da linguagem. Nesse aspecto, a filosofia de Wittgenstein exerce um papel fundamental no momento em que critica uma concepção ocidental da linguagem, a de função designativa-instrumentalista-comunicativa. O que é possibilitado nesse movimento é uma transformação do cerne da reflexão, que deixa de ser a linguagem ideal e torna-se que o indivíduo utiliza a linguagem: devemos olhar, portanto, os contextos de uso efetivo da linguagem, onde os sujeitos produzem conhecimento, história e cultura. Enfim, a linguagem, para Wittgenstein, realiza-se nos seus contextos de ação, isto é, nas suas "formas de vida" e em seus "jogos de linguagem" - composto pelos elementos linguísticos, pelos sujeitos falantes e pela situação linguística, [ou seja,] formas de vida. CHAMMA, Letícia Negrão. A virada antropológica: o retorno do sujeito e da história. Rev. Sem Aspas, Araraquara, v.7, n.2, p. 233-248, jul./dez., 2018. Disponível em <<https://orcid.org/0000-0001-9787-5994>>. Acesso em 10 nov. 2020. A virada linguístico-pragmática da filosofia é um fenômeno tipicamente do século vinte. Uma contribuição de todo o movimento original da filosofia analítica, principalmente com Russell e Carnap, que pretendia através da análise lógica e crítica da linguagem equacionar boa parte, senão toda, a problemática da filosofia - virada linguística - e depois, como consequência do esgotamento deste mesmo projeto, a transposição deste modelo de análise da linguagem teórica (pela via de análise da semântica e da sintaxe), para o aprofundamento do estudo filosófico da linguagem

14), “vida e filosofia são como a frente e o verso de suas folhas manuscritas”, de forma que podemos considerar sua filosofia como especialmente antropológica, contextualizando-a a partir das relações essenciais do homem, de seus gestos e símbolos.

Nessa nova maneira de apresentar sua filosofia, afirmam Peruzzo Jr e Borges (2014, p. 436), Wittgenstein “se remete à busca da contextualização dos gestos no espaço coletivo dos jogos de linguagem, perfazendo um itinerário filosófico que abre espaço para a hermenêutica expressa nos gestos linguísticos”. Identificam, igualmente, o aparecimento de um eu cognoscente que lida com a linguagem em concordância com os demais jogadores, a partir de uma autorreferencialidade vinda das regras, que garantem a norma do discurso das gramáticas superficiais e profundas.

A linguagem em Wittgenstein, por sua práxis, evidencia-se na crítica à filosofia moderna fortemente influenciada por René Descartes. Conforme Gebauer (2013, p. 27), diferente de Descartes, cuja filosofia é uma busca pelos fundamentos últimos, Wittgenstein apresenta uma nova forma de pensar a filosofia. Primeiro, aponta como erro afirmar que o pensamento precisa de fundamentos últimos, uma vez que o homem já saberia alguma coisa com certeza, do contrário não teria como duvidar. Segundo, nega que o saber humano se constrói sobre um fundamento, uma vez que não há tal fundamento. Para Wittgenstein, o saber se organiza na práxis da ação com o auxílio das estruturas linguísticas. E, terceiro, identifica contradições internas na afirmação de que a certeza pode ser justificada exclusivamente em processos mentais, pois, no pensamento não se pode obter certeza sobre o pensamento.

A nova concepção de filosofia de Wittgenstein também resulta da rejeição à visão escolástica da filosofia. Segundo Gebauer (2013, p. 29), a filosofia já não pode ser tomada como uma ocupação do intelecto com atividades ou problemas que dizem respeito apenas a questões intelectuais; deve, antes, ser tomada como uma ação no mundo. “O agente deve sair de si mesmo e refletir sobre sua relação com o mundo, [...] desse modo ele supera a filosofia do sujeito ‘pontual’ distanciado da práxis, que se recolhe em seu pensamento” (*Ibid.*, p. 30). Dessa forma, podemos ter uma noção de como Wittgenstein entende o sujeito no contexto dos jogos de linguagem: pessoa que não está sozinha e cuja existência não se esgota no pensamento, mas é cojogador (*Ibid.*, p. 28).

O estudo da realidade dos jogos de linguagem nos faz perceber, conforme Gebauer (2013, p. 35), que, na filosofia tardia de Wittgenstein, a linguagem já não é a essência da realidade, como não o é a linguagem lógica. O que emerge na sua nova forma de pensar é a práxis da linguagem,

cotidiana (a pragmática). Esse trabalho foi levado adiante tanto pelo ramo de autores mais ligados à corrente da própria filosofia analítica, tais como por Quine, Sellars, Davidson, Rorty e outros, mas mesmo por pensadores mais identificados com a chamada filosofia continental, como Heidegger, Apel e Habermas, Derrida e outros. Este movimento é conhecido em Filosofia como a virada linguístico-pragmática. FRAGA, Marcelo Lorence. Virada linguístico-pragmática. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/zwsfUS>> Acesso em 02 nov. 2020.

que não tem caráter apriorístico, mas que se dá numa ordem que surge das práticas.

Compreenderemos melhor o que Wittgenstein produziu em sua filosofia tardia buscando entender os elementos constitutivos dela, ainda que os conceitos não apareçam fechados no autor. Já no prefácio de *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein (1991, p. 8) sinaliza que, com seu escrito, não pretende poupar aos outros o pensar; ao contrário, deseja incitar alguém aos próprios pensamentos.

Conforme Gebauer (2013, p. 39), “com a exortação ao autopensamento, Wittgenstein deixa aos seus leitores um considerável espaço para o livre exercício”, bem como, o pensamento de que a filosofia do autor não se permite relativismo, dogmatismo, e, muito menos, algum tipo de doutrina canônica que tente estabelecê-la como interpretação obrigatória.

1. Os jogos de linguagem

Talvez um dos conceitos mais expressivos da filosofia tardia de Wittgenstein seja o “jogo de linguagem”. Ao discorrer sobre o tema, Machado (2006 p, 10) inicia recordando que muitos dos problemas filosóficos com os quais Wittgenstein lida são frutos de idealizações, surgidas quando seguimos os caminhos apontados por melhorias, defendendo que, quanto menor forem as sinonímias, mais claro será aquilo que queremos dizer. Contra essas idealizações ilusórias, em filosofia da linguagem e na lógica, Wittgenstein (1991, p. 53) afirma que devemos retornar ao solo áspero do uso contextualizado da linguagem.

No *Tractatus*, segundo Machado (2006), Wittgenstein pensava que a linguagem ordinária estava em perfeita ordem lógica; imperfeita, porém, era a sua expressão, de modo a propor uma notação ideal: um sistema de sinais que expressasse com absoluta clareza a forma lógica de cada afirmação. Esse modo de pensar constitui um aspecto da autocrítica de Wittgenstein em sua filosofia tardia, o projeto de construção de uma notação ideal já não se justifica, porque, na prática, a linguagem real da vida se mantém sempre em aberto, não considera apenas as estruturas lógicas, mas se abre para usos sempre novos e jogos em contínua reformulação. Para Machado (2006, p. 10), a utilização de jogos de linguagem é uma das principais maneiras que Wittgenstein usa para fazer essa crítica. Ele conceitua tais jogos como atividades mais ou menos complexas, em que a linguagem é usada, sejam eles reais ou fictícios.

Essa posição de Wittgenstein pode ser constatada nas primeiras páginas de *Investigações*, quando, após citar uma passagem de *Confissões*, de Santo Agostinho, e fazer comentários sobre ela, o filósofo descreve um exemplo de jogo de linguagem. Conforme Wittgenstein (IF, §1), Santo Agostinho apresenta uma determinada imagem da essência da linguagem

humana, segundo a qual o significado de uma palavra é um objeto no lugar do qual a palavra está. E exemplifica empregando a linguagem no caso da compra de maçãs, realidade que se dá a partir da leitura dos signos "cinco maçãs vermelhas". Uma vez realizada, a leitura aponta para o fato de que, do significado da palavra "cinco", nada foi falado aqui na negociação, apenas realça a maneira como a palavra "cinco" foi usada. (IF, §1). A partir desse exemplo de jogo de linguagem, o autor realiza a primeira investida no intuito de mostrar que o fato de saber usar a linguagem é suficiente para dominá-la.

Segundo Arruda Jr (2017), a ideia principal que se pode extrair da comparação que Wittgenstein faz entre a linguagem e o jogo é que, como os jogos, a linguagem é concebida como uma atividade humana, é orientada por regras, cuja práxis pressupõe, também, reações comuns, carecendo de treino para adquirir habilidade e dominar a técnica para sua aplicação.

Depois de utilizar como exemplo o emprego da linguagem, no caso de mandar alguém fazer compras, citado acima, Wittgenstein (IF, §§2-7) continua se referindo a jogos de linguagem apontando ações do cotidiano que envolvem o uso da linguagem, porém o autor não nos dá definições fechadas. É ele mesmo quem esclarece: "como explicaríamos a alguém o que é um jogo? Creio que lhe descreveríamos jogos, e poderíamos acrescentar à descrição: "isto e outras coisas semelhantes chamamos de 'jogos'" (IF, §69).

No decorrer da obra *Investigações*, a ideia de jogo de linguagem é significativa, de forma que pode levar estudiosos, como Glock (1998, p. 226), a analisá-la a partir dos quatro seguintes aspectos: a) quanto às práticas de ensino: um pai ensina ao filho o nome de objetos (IF, §7): ainda para Wittgenstein a relação entre um nome e seu objeto não é monolítica (IF, §10); b) os jogos de linguagem fictícios: usados para compreender linguagens complexas, próprios dos conceitos filosóficos: "asserção", "proposição", "verdade", etc.; c) as atividades linguísticas, que se dão nos atos de fala, a saber: "relatar um acontecimento", "comandar", "conjeturar sobre o acontecimento", "descrever um objeto conforme a aparência", etc. (IF, §249), e d) a linguagem como jogo: aqui já não há analogia entre linguagem e jogo, uma vez que Wittgenstein afirma: "chamarei também 'jogo de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" (IF, §7).

Segundo Cazelato Ruy (2008, p. 2), Wittgenstein parece ter desenvolvido, especialmente em *Investigações*, o que ficou conhecido como sua concepção pragmática, visto que, por jogos de linguagem, Wittgenstein tenta explicar como o significado da palavra pode ser entendido como o seu uso em um determinado contexto, já que defende ser a significação de uma palavra seu uso na linguagem (IF, §43). Assim, o significado já não deve ser compreendido como algo determinado e fixo, como uma propriedade que sai da palavra, mas sim como algo que a linguagem executa em um

contexto específico e com objetivos específicos. Significando, assim, para Cazalato Ruy (2008, p. 2), que o significado pode variar, dependendo do contexto em que a palavra é utilizada e do objetivo desse uso.

Podemos, assim, classificar como pragmática a concepção filosófica do Wittgenstein de *Investigações*. Dois indícios desse remate são o fato de, na obra, a linguagem aparecer como impossibilitada de determinação definitiva, e, pela ênfase dada ao contexto, nela, "o importante não é mais se perguntar sobre a significação, mas sobre o uso" (AUROUX, 1998, p. 273).

2. Semelhança de família e forma de vida

A linguagem, conforme seu uso em Wittgenstein, está associada à noção de jogos, de forma que, como um "jogo", a noção de "linguagem" se determina por semelhanças de família. Assim como não existe um único traço que defina o que todos os jogos têm em comum, da mesma forma não existirá para os jogos que jogamos com as palavras, ou seja, não deve haver algo comum, essencial a toda linguagem. Logo, a linguagem não seria um todo homogêneo, mas, sim, um aglomerado de "linguagens" (IF, §65).

Assim como o recurso da afiguração utilizado no *Tractatus* por Wittgenstein para falar sobre a linguagem é substituído pela ideia de jogos em *Investigações*, o mesmo acontece com a ideia de essência, que, em sua filosofia tardia, é suplantada pela ideia de semelhança. Segundo Marcondes (2010, p. 106), os jogos de linguagem estão marcados pela multiplicidade e pela pluralidade. Novos jogos surgem, outros desaparecem, e esse dinamismo da linguagem só pode ser entendido a partir das atividades de que é parte, ou seja, das formas de vida. Fazendo uma analogia entre a noção de linguagem e a noção de jogo, Wittgenstein (IF, §66) atesta haver diversos tipos de jogos: tabuleiro, cartas, bola, etc., mas não há uma essência dos jogos; o que apresentam são certas semelhanças entre si, que surgem e desaparecem. É isso que o autor chama de "semelhanças família" (IF, §67).

Além dos jogos de linguagem, temos, ainda, em *Investigações*, a ideia de "formas de vida". Segundo Rudá (2014), para ilustrar sua ideia, Wittgenstein nos ensina que, junto com determinada linguagem, se aprende também uma nova forma de vida, assim entendida a forma como um grupo social decide viver.

Para Peruzzo Jr e Valle (2016, p. 94), essa forma de vida acontece em meio a um conjunto de características compartilhadas por todos os seres humanos como, por exemplo, rir, partilhar, sofrer, entre outros, o que permite conceber a linguagem como uma instância entre outras atividades humanas. Nesse contexto, é que, ao longo de sua obra, Wittgenstein defende a existência de jogos de linguagem para explicar outros fenômenos, como as formas de vida.

3. Uso e significado das palavras

A linguagem, por seu viés pragmático, tem sua ênfase no uso que os falantes fazem das palavras. O significado também se depreende do pensamento proposto pela primeira filosofia de Wittgenstein, que era restrito, e em seu pensamento tardio, mais aberto. Discorreremos, agora, sobre o uso, mas à frente falaremos com mais detalhes sobre o significado.

Segundo Arruda Jr (2017, p. 83), ao considerar a linguagem como uma atividade social, Wittgenstein propõe um novo conceito de uso das palavras. No contexto pragmático-linguístico admitido pelo autor de *Investigações*, esses usos passam a ser indispensáveis à práxis humana, pelo fato de se referirem aos usos que fazemos das palavras nos diferentes jogos que compõem nossa linguagem.

Wittgenstein ilustra, por meio de algumas alegorias, a variedade de usos que fazemos dos diversos tipos de palavras: a) caixa de ferramentas – em que objetiva mostrar que as funções das distintas palavras são tão diferentes quanto as diversas funções exercidas por essas ferramentas; b) cabine de locomotiva – as palavras são comparadas às alavancas das cabines, que, apesar de exteriormente semelhantes, têm diversos modos de operação; c) linhas de um mapa – “sobre uma folha, as palavras são parecidas, mas suas funções são tão diferentes quanto as linhas de um mapa: umas são fronteiras; outras, meridianos; outras são ruas, etc.” (ARRUDA JR, 2017, p. 83); d) dinheiro – “como o dinheiro, as palavras têm muitos usos: com aquele, compra-se pão, viaja-se, tem-se um lugar num estádio etc.; com estas, pede-se, descreve-se, informa-se, etc.” (Ibid., p. 83). Percebemos, assim, que as palavras da linguagem são diferentes e desempenham variadas funções de uso.

A ideia de significado difere nas duas principais obras de Wittgenstein. Uma palavra no *Tractatus* não significa nada, uma vez que o nome só tem sentido dentro de uma frase. Em *Investigações*, uma palavra pode significar muita coisa, só vai depender do contexto. Segundo Rudá (2014), no *Tractatus*, Wittgenstein defende que as palavras, quando isoladas, não emitem mensagem, já que não passam de nomes isolados. No entanto, em *Investigações*, Wittgenstein vê as palavras como ações humanas e prega que a linguagem, numa concepção funcional, torna-se uma maneira de ação. Dessa forma, Wittgenstein renuncia à ideia da substancialidade da significação apresentada no *Tractatus*. Rudá (2014, p. 1) ilustra esse argumento com o exemplo de cortadores de árvore: que concomitante à queda da árvore, um dos lenhadores, instintivamente, grite: "MADEEEEEIRA". Sozinha, a palavra 'madeira' transmite algo importante, dentro daquele contexto, ao outro lenhador, qual seja: CUIDADO! A ÁRVORE ESTÁ CAINDO! Em *Investigações*, Wittgenstein defende que as palavras transmitem um dinamismo, mesmo que isoladas, dependendo apenas de se determinar a qual jogo de linguagem elas pertencem.

Conforme Valle (2003, p. 96), a vinculação entre o significado e o uso, encontrada na filosofia tardia de Wittgenstein, reclama as seguintes condições: a) modo: diz respeito ao modo como as palavras são utilizadas; b) contexto: deve-se observar o contexto em que as palavras são empregadas; c) função: é preciso atentar para as funções que as palavras devem desempenhar.

Segundo Wittgenstein (IF, §23), existem diferentes jogos de linguagem e eles não se submetem a apenas uma estrutura lógica, tal como disseram os lógicos, inclusive o autor do *Tractatus*, mas à forma de vida em que são aplicados, ou seja, em que contexto são utilizados. As palavras não são úteis apenas para nomeação de objetos. "Pensemos apenas nas exclamações, com suas funções tão diferentes: *Fora! Ai! Socorro!* etc. Você ainda está inclinado a chamar essas palavras de "denominações de objetos?" (WITTGENSTEIN, 1991, §27). Aqui é o próprio Wittgenstein que, com sua filosofia tardia, parece ironizar suas ideias de outrora.

4. Linguagem privada

Observa Fraga (2013) que a ideia de jogos de linguagem, que se dão nas diferentes formas de vida, contrapõe-se à ideia tradicional da filosofia, que aponta para a existência de uma linguagem privada, uma linguagem como produção de um sujeito solitário em face de um objeto, que apresente uma espécie de solipsismo metafísico. Esse modelo exigiria que a linguagem fosse fruto de uma divindade. Os jogos, segundo ele, trazem a noção de uma linguagem como produto de uma ação social, de um processo comunicativo intersubjetivo.

Segundo Grayling (2002, p. 111), a noção de forma de vida não comporta uma linguagem privada, mas é nela que a linguagem encontra o seu caráter, essencialmente público, de maneira que o significado, a compreensão e até o seguimento de regras não podem ser estados ou processos internos da mente. Wittgenstein (IF, §269) afirma que se poderia chamar "de 'linguagem privada' sons que ninguém mais compreende, mas que eu 'pareço entender'".

A linguagem pública é intersubjetiva; já a privada restringe-se ao campo subjetivo. Assim, conforme Grayling, Wittgenstein rompe com as ideias do 'cogito cartesiano' de "que o ponto de partida para todo conhecimento e explanação reside em nossa familiaridade direta com nossa própria experiência e estados mentais" (2002, p. 111); bem como, com a posição defendida pelos empiristas, que afirmavam ser "a experiência sensorial e nossa reflexão sobre ela que fornecem a base de nossas crenças sobre a existência de coisas externas e outras mentes" (2002, p. 111).

Grayling (2002, p. 112) afirma que, para Wittgenstein (IF, §244, 257 e 283), falar uma língua é participar de uma forma de vida, e compartilhar uma forma de vida implica ser exercitado para compartilhá-la, exercício

esse que se dá, obviamente, em público; do contrário, não é uma prática no compartilhamento da forma de vida que concede significado à linguagem. Disso se segue que nem a linguagem que utilizamos para falar da experiência “privada”, nem tal experiência são realmente privadas, devendo existir, então, critérios públicos para a prática de expressões sobre dor, medo, alegria etc., para que tais expressões existam.

Para o Wittgenstein de *Investigações*, a ideia de linguagem privada é incoerente, uma vez que a linguagem é antes de tudo uma prática pública, bem como suas regras e convenções devem estar à disposição de qualquer falante. Assim Glock (1998) argumenta que o que diferencia um sinal linguístico de um simples ruído ou de um mero rabisco é a sua subordinação a um padrão de correção; e que não se pode construir padrões de correção para sinais associados a 'objetos' a que, supostamente, só um usuário de uma língua privada teria acesso. Nesse sentido, Arruda Jr (2017, p. 107) evoca Wittgenstein quando sugere a não apreensão de regras fundadas sobre mecanismos mentais, mas que se deve concebê-las a partir da perspectiva pragmática, ou seja, a partir de uma dimensão construída por ações e comportamentos regulares. É nesse âmbito que se justifica a afirmativa wittgensteiniana que “seguir regra’ é uma práxis” (IF, §202).

5. Seguir regras

Segundo Valle (2003, p. 98), mesmo que Wittgenstein já tivesse utilizado a noção de linguagem como algo que deveria seguir uma regra em seus *Diários* – anotação de 20 de dezembro de 1914 – é em *Investigações* que essa noção é assumida em sua totalidade.

Segundo Arruda Jr (2017, p. 101), a partir do parágrafo 185 de *Investigações*, Wittgenstein discute o que é, na perspectiva pragmática, compreender uma regra e segui-la, utilizando, para isso, uma série de exemplos e de críticas às concepções mentalistas que o ajudam a analisar como uma regra determina o que conta com uma aplicação correta ou incorreta dessa regra. “Seguir regra é, portanto, um ato mental de significação que consiste na interpretação correta (dentre as possíveis) do que se deve fazer em cada aplicação da regra” (ARRUDA JR, 2017, p. 106).

Wittgenstein não admite a apreensão de uma regra como fundada sobre o processo de funcionamentos mentais, mas que o faz a partir de um aspecto pragmático, para ele (IF, §202), “acreditar seguir uma regra não é seguir uma regra”. Isso faz Arruda Jr (2017, p. 107) concluir que o “que prova que alguém compreendeu uma regra não é o que acontece no momento da compreensão, mas é o dominar a técnica de usá-la de modo correto”. Nesse caso, a apreensão de uma regra está na prática de sua aplicação.

Segundo Wittgenstein (IF, §199), não é possível uma única ordem ter sido dada uma única vez, uma única comunicação ter sido feita, e um único

homem ter seguido uma regra uma única vez. Para o autor, ordenar, comunicar, seguir uma regra, jogar uma partida de xadrez são hábitos. Logo, seguir uma regra não é algo que está na mente, uma interpretação, mas algo prático que se exterioriza, nas atividades que são chamadas 'seguir a regra' e 'transgredi-la.'" (IF, §201).

Segundo Valle (2003, p. 98), o filósofo enfrenta aqui o desafio de como seguir regras imerso numa linguagem que ele mesmo reconhece como diversa, e encontra a solução para essa situação, aparentemente contraditória, por meio da apresentação da noção de jogos de linguagem. É numa determinada prática que um termo assume significado, de modo que seu emprego passa a ser controlado por regras públicas de regulação, uma vez que o jogo do qual faz parte está inserido na práxis da comunidade dos falantes.

Considerações finais

Voltando nossa atenção à filosofia tardia de Ludwig Wittgenstein, investigamos de que maneira, na questão do uso da linguagem, se estabelece uma virada pragmática no conjunto de sua filosofia, objetivando analisar os elementos que compreendem o aspecto pragmático da linguagem, especialmente na obra *Investigações Filosóficas*. Antes, o autor propunha uma filosofia que apresentava uma linguagem ideal, unívoca e reflexo linguístico da forma das estruturas do mundo típica do *Tractatus*, porém muda seu fazer filosófico, cuja linguagem se flexibiliza e ganha sentido no uso prático nos diferentes jogos de linguagem de *Investigações*.

Esse processo nos defrontou com a filosofia pragmática da linguagem de Wittgenstein, ponto de partida de sua crítica à filosofia moderna influenciada por Descartes, à visão escolástica da filosofia, superando o caráter apriorístico e o modo de ver acadêmico, pela capacidade de conhecer o maravilhoso das práticas cotidianas, fazendo-o por meio de conceitos não fechados, quais sejam:

- a) *Jogos de linguagem*: Wittgenstein se limita a dar exemplos ou descrevê-los, e arremata: "isto e outras coisas semelhantes chamamos de 'jogos'" (IF, §69);
- b) *Semelhança de família*: o autor afirma não haver algo comum a tudo aquilo que chamamos de linguagem, mas semelhanças, comparando-se os jogos de linguagem com os demais jogos, cujas características se assemelham com as apresentadas pelos parentescos de família. Formam, portanto, os jogos, uma família" (IF, §67);
- c) *Forma de vida*: é a representação de uma linguagem (IF, §19); a forma como um grupo social decide viver; associa-se, segundo

Wittgenstein, aos jogos de linguagem, sendo tão diversas quanto possíveis;

- d) *Uso e significado das palavras*: a ideia wittgensteiniana sobre a significação das palavras encontra-se na resposta ao questionamento, não de seus significados - *o que é?* mas de seus usos - *como é?* Portanto, para Wittgenstein, o significado de uma palavra é dado pelo "seu uso na linguagem" (IF, §43), isto é, pela "sua aplicação" (IF, §197);
- e) *Linguagem privada*: Wittgenstein nega a possibilidade desse tipo de linguagem (IF, §258), e o faz porque defende que os jogos trazem a noção de uma linguagem como produto de uma práxis, havendo, portanto, uma incoerência, já que a linguagem é, antes de tudo, uma prática pública, com regras e convenções que estão à disposição de qualquer falante;
- f) *Seguir regras*: seguir uma regra não é algo que está na mente, mas é algo prático que se exterioriza, exibido nas atividades, como: *seguir a regra e transgredi-la*" (IF, §201).

As implicações sobre a mudança de pensamento de Wittgenstein, em relação à linguagem, convergem para a ideia de que a filosofia já não é teoria, ontologia, nem aquilo que diz o que é o mundo, mas se apresenta como terapia do mundo, que atribui à filosofia um uso, uma pragmática, fazendo do filósofo um terapeuta que pode e deve "mostrar à mosca a saída do vidro" (IF, §309), ou seja, libertar o homem dos problemas que o angustiam.

Tanto o *Tractatus* quanto as *Investigações* revelam uma fonte extraordinária de conteúdos para o estudo da linguagem no mundo. As obras publicadas já dizem muito, ainda que o próprio Wittgenstein tenha afirmado que "do que não se pode falar... deve-se calar" (TLP, 7) e que sobre o mais importante ele não escrevera, mas vivera.

Referências

- ARRUDA JR, Gerson Francisco de. *10 lições sobre Wittgenstein*. Petrópolis: Vozes, 2017 (Coleção 10 Lições)
- AUROUX, Sylvain. *A filosofia da linguagem*. Tradução: José Horta Nunes. Campinas: Editora UNICAMP, 1998.
- CAZELATO RUY, Mateus. *O conceito de jogos de linguagem em Investigações Filosóficas de Wittgenstein*. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS, 7, 2008, Londrina, PR. Anais do [7] seminário de pesquisa em ciências humanas de 17 a 19 de setembro de 2008. Org.: Mirian Donat e Rogério Ivano, Londrina, Eduel, 2008.

FRAGA, Marcelo L. Wittgenstein. In: *Esboços filosóficos*, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/7AgRK4>> Acesso em: 12 ago. 2017.

GEBAUER, Gunter. *O pensamento antropológico de Wittgenstein*. São Paulo: Loyola, 2013.

GLOCK, Hans-Johann. *Dicionário Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

GRAYLING, A. C. *Wittgenstein*. Coleção mestres do pensar. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MACHADO, Alexandre N. As Investigações filosóficas de Wittgenstein: estilo e método. In: *II Colóquio Prazer do Texto*. Universidade Federal da Bahia - UFBA, 2006, Salvador Disponível em: <<https://goo.gl/U7qJ2t>>. Acesso em: 21 jul. 2017.

MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de linguagem: de Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

PERUZZO Jr., Leo; BORGES, Valdir. O pensamento antropológico de Wittgenstein. *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba, v. 26, n. 38, p. 435-439, jan./jun. 2014.

RUDÁ, Antonio Sólon. *Caracteres da filosofia analítica de Ludwig Wittgenstein: um passeio filosófico sobre a filosofia da linguagem*. Brasília, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/r1fcxH>> Acesso em: 26 ago. 2017.

VALLE, Bortolo. *Wittgenstein: a forma do silêncio e a forma da palavra*. Curitiba: Champagnat, 2003.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*, Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultura, 1991 – (Os pensadores; 10).

_____. *Tractatus Logico-Philosophicus*, Tradução: José Arthur Giannotti, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.